REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 220

1 DE FEVEREIRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

Pedimos uma esmola para os desgraçados andaluzes.

A este appello feito no final da chronica do n.º 218 do "Occidente„ accudiu uma nossa assignante, enviando para as victimas sobreviventes aos terramotos de Andaluzia........ 1$000 réis.

Continuamos a receber qualquer esmola com que os nossos assignantes e leitores queiram concorrer, para minorar as grandes desgraças de Andaluzia.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem sido fertil em felizes estreias parlamentares a actual sessão legislativa. Do grupo de deputados novos, teem saído tres ou quatro vocações oratorias, que são promessas risonhas para a eloquencia de S. Bento.

Os frequentadores das galerias da camara, os *diletanti* d'esses jogos quotidianos de rhetorica tribunicia, tem apanhado um verdadeiro regalo n'estes dias e por isso as galerias estão sempre a trasbordar e é mais difficil alcançar um logar para ouvir um deputado, do que para ouvir a Sembrich.

É verdade que é tambem mais barato — apparentemente — e isto é uma attenuante para o bom gosto do publico de Lisboa.

Entretanto nós, tendo em muito elevada conta o talento dos novos oradores, prestando a inteira homenagem do nosso respeito aos seus brilhantes dotes oratorios, á sua fina illustração, á sua notavel intelligencia, assustamo-nos um pouco com essa nova avalanche de oradores que as ultimas eleições deitaram no venerando seio da representaçao nacional.

E assustamo-nos por uma rasão muito simples, que temos dito mais d'uma vez e que nos não cançamos de repetir.

Quanto mais oradores notaveis houver em S. Bento, mais caras saem as legislaturas ao paiz.

Mais caras e o proveito é sempre o mesmo.

Creio piamente que no anno de 1885, n'este abençoado torrãosinho da peninsula que se chama Portugal, não haverá ninguem tão ingenuo, tão simplorio, tão anti-diluviano que imagine que as discussões politicas tem a mais insignificante influencia sobre os destinos do paiz.

Ora quanto mais oradores houver na camara mais demoradas são as discussões, mais prolongadas as sessões parlamentares.

Quanto mais prolongadas são as sessões parlamentares, mais dinheiro tem o thesouro de pagar aos deputados, e no fim de contas para se chegar ao mesmo resultado a que se chegaria mais depressa e mais baratinho se não houvesse discussão alguma.

Porque já lá vae longe o tempo em que da discussão saía a luz.

Hoje da discussão sae simplesmente a fama do orador.

E a fama é para elle e o povo é quem a paga.

Costuma-se dizer que fama e proveito não cabem n'um sacco. Eu não sei se n'um sacco cabem ou não: o que sei é que nos deputados cabem perfeitamente.

Dado o mechanismo da nossa vida politica, o paiz estremece cada vez que no parlamento apparece um orador novo. Quanto melhor elle é, mais terror causa.

O voto supremo da nação é que todos os deputados fossem mudos. Isso simplificaria a confecção das leies sob o ponto de vista da bolsa do contribuinte, sem alterar em nada essas leis. Porque como toda a gente sabe, ha muitos annos que não ha uma discussão que tenha influido na sancção ou regeição d'um projecto de lei.

As discussões não servem para elucidar ninguem ácerca das leis que se vão votar, e não por que não fossem muito capazes d'isso, mas pela simples rasão de que ninguem vae alli para se elucidar, vae para votar.

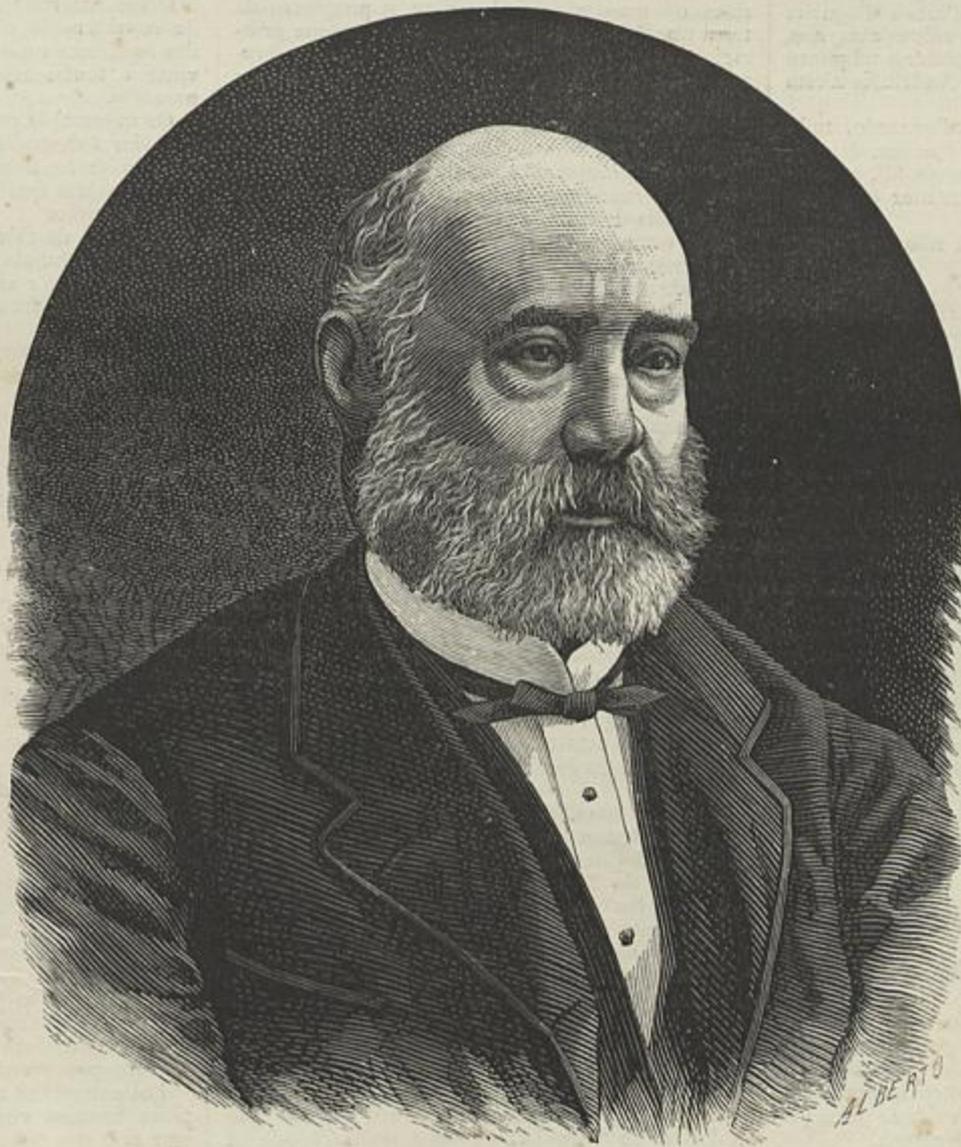
Nunca se espera pelo que se dirá na discussão para se saber se uma lei será ou não approvada.

Sabe-se isso mathematicamente cá fóra antes das discussões, e por um processo d'arithmetica contando o numero de votos de que dispõe o governo e opposição.

Feita essa contagem pode ressuscitar o proprio Mirabeau e ir no americano do Rato até S. Bento que perdia completamente o seu tempo e o seu meio tostão.

E é por isso que nós, alegrando-nos como artistas pelas brilhantes estreias parlamentares que tem havido este anno em S. Bento, felicitando vivamente pelos seus triumphos oratorios os novos deputados, com a amisade d'alguns dos quaes nos honramos de ha muito, como cidadãos portuguezes, como contribuintes não nos alegramos nada, e apenas dizemos uns aos outros a celebre phrase de Iago a Rodrigo «Mette dinheiro na bolsa» que por este falar temos camaras para todo o anno!

A sr.ª Sembrich cujo exito nas primeiras noites esteve um pouco hesitante é já hoje querida do publico, que afinal se deixou vencer pela sua voz maravilhosa, pela sua delicadissima arte de vocalisar tão rara no mundo lyrico, que a põe ao lado das mais afamadas celebridades.

O *rondó* da *Lucia*, o 1.º e 4.º actos da *Traviata*, o *rondó* da *Somnambula*, cantadas pela Sembrich

CONDE DA SILVA MONTEIRO — FALLECIDO EM 15 DE JANEIRO DE 1885
(Segundo uma photographia de Fonseca & C.ª, do Porto)

são obras primas de excepcional valor que raro ou nunca tornaremos a ouvir em S. Carlos.

Os grandes caracteristicos gloriosos da celebre cantora são a sua voz prodigiosamente bella, e o mechanismo perfeitissimo da sua vocalisação.

Ao principio o publico não queria fazer caso d'essas qualidades assombrosas, e pretendia apreciál-a sob o ponto de vista complexo e completo de cantora e de comediante.

Por fim essas taes qualidades de que elle não queria fazer caso impozeram-se-lhe á sua attenção, e são tão raras e tão extraordinarias essas qualidades que, imporem-se á attenção, é imporem-se á admiração e ao enthusiasmo, e d'esse momento em diante a Sembrich não teve senão ovações enormes, perfeitamente á altura do seu grande nome.

E o theatro enche-se todas as noites e S. Carlos dá grandes receitas, como deu com a famosa Devriés, e no fim de contas a empreza vê que não ha nada para chamar a attenção do publico como, esses grandes arrojos de trazer cá artistas, excepcionalmente caros e ao mesmo tempo excepcionalmente bons.

E tanto é assim que, segundo se diz, a empreza de S. Carlos pensa já em trazer a Lisboa, ainda n'esta epocha, se possivel fôr, a celebre Patti, e assim terminará uma epocha verdadeiramente nova nos nossos annaes lyricos, e que será a gloria do sr. Campos Valdez como emprezario lyrico, cuja fama conheciamos de tradicção e agora vemos brilhantemente justificada pelos factos.

Os tremores de terra da Andaluzia depois de terem dado um pequeno momenta de descanso áquellas desgraçadas povoações voltaram de novo.

Os sabios começam agora a dar as suas opiniões ácerca d'esses estranhos phenomenos, mas essas opiniões são tão desencontradas que no fim de contas, nós os profanos da sciencia chegamos á simples conclusão de que elles sabem tanto d'isso como nós, que não sabemos inteiramente nada.

A muitas das varias explicações que de todos os lados surgem ha uma pergunta muito ingenua a que ninguem deu ainda resposta.

Os tremores de terra da Andaluzia provém d'aquelle terreno ser composto d'esta e d'aquella fórma, provém do solo assentar sobre cavernas, provém d'aquella região corresponder a tal ponto do nosso globo, provém d'estar a Andaluzia n'esta ou n'aquella linha, etc., etc.

Sim senhores, perfeitamente d'accordo, tudo isso é assim; mas se tudo isso é assim, é certo que tambem tudo isso sempre assim foi, e então porque demonio é que só ha um mez é que os tremores de terra apparecem?

E a isto é que até hoje ainda não vimos resposta satisfatoria.

Em Lisboa as festas de caridade de ha muito em preparação começam a succeder-se, e o publico concorrendo sempre a ellas com essa philantropia nativa que nos faz honra.

O *Correio da Manhã* promoveu nas salas da sua redacção uma *matinée* litteraria e musical em beneficio dos povos da Andaluzia, *matinée* que se realisará no proprio dia em que este jornal se publicar, e á qual concorrem todos os artistas mais notaveis que estão actualmente em Lisboa.

N'esse mesmo dia começa a Kermesse no Jardim Zoologico, tambem em beneficio dos andaluzes, realisa-se uma tourada para o mesmo santo fim no Campo de Sant'Anna, ás horas em que escrevemos dá se uma recita de curiosos no theatro da Trindade com a mesma intenção, o Gymnasio prepara o seu beneficio para os desgraçados andaluzes para os primeiros dias de fevereiro, e de todo este movimento festivo e caritativo ao mesmo tempo, resultará uma avultada esmola para esses infelizes povos que tem sido tão excepcionalmente pungidos pela desgraça e ao mesmo tempo tão excepcionalmente tambem soccorridos pela caridade universal.

Gervasio Lobato.

CONDE DA SILVA MONTEIRO

Era uma bella alma e um caracter dignissimo. Eis as simples palavras que poderiam definir todas as manifestações da existencia laboriosa e honesta do conde da Silva Monteiro, que acaba de fazer a grande jornada da eternidade pelas veredas lugubres e dolorosas da sepultura.

Ao contrario dos que saboreiam na placidez egoista da abastança os fructos privilegiados de uma fortuna amontoada nas terras brazileiras á custa de maiores ou menores sacrificios, sem se moverem na flacida indifferença de uma ociosidade inervante, aos menores impulsos de generosidade patriotica ou de prestimo social, o conde da Silva Monteiro regressando á patria com o farto peculio de haveres opulentos que lhe permittiam abandonar-se a uma vida de socegados aprazimentos, preferiu pôr ao serviço de todas as iniciativas uteis os recursos abundantes dos seus meios pecuniarios, e á disposição de todas as idéas caridosas e prestantes, os beneficios do seu valimento considerado o do seu civismo proficuo.

Nas altas emprezas commerciaes como nas grandes obras de caridade, o seu nome era o primeiro a incitar os mais timidos e a estimular os menos compadecidos, dando assim o exemplo salutar e benemerito de que o homem não tem de viver só para si, mas tambem para os deveres da sociedade, para o engrandecimento do seu paiz e para o lenitivo das supremas desventuras.

Como cidadão e como capitalista o conde da Silva Monteiro era um trabalhador infatigavel e integro; como homem, no trato familiar e intimo, de uma bondade extrema e de uma afabilidade captivante.

Dotado de uma intelligencia culta e lucida, se bem que retrahida pelas condições naturaes de uma modestia excessiva, ainda assim tivera por vezes occasião de manifestar nas discussões das assembléas mercantis e mesmo na imprensa em artigos bem desenvolvidos, primores de espirito e aptidões intellectuaes de summa valia.

Os actos da sua vida e as qualidades do seu genio prestadio podem resumir-se nos seguintes apontamentos biographicos:

Antonio da Silva Monteiro, nasceu em 16 de agosto de 1822 na freguezia de Lordello do Ouro, do Porto. Filho de paes commerciantes, dedicou-se egualmente á vida mercantil, indo ainda muito novo para o Brazil, onde bafejado pela sorte conseguiu accumular uma grande fortuna pela administração intelligente e cuidadosa da sua importante casa commercial, ainda hoje existente no Rio de Janeiro.

De volta á patria, o seu coração compassivo e o seu animo patriotico e generoso não ficaram inertes perante nenhum dos movimentos materiaes ou moraes iniciados para o progresso da terra que lhe foi berço, e assim o seu nome principiou a apparecer á frente das principaes emprezas commerciaes e industriaes, e de todos os commettimentos humanitarios.

Apostolo dedicado da instrucção, contribuiu poderosamente para a creação das escolas primarias das freguezias de Lordello do Ouro e de Miragaya, tornando-se protector emerito de muitas instituições de beneficencia.

Por occasião da guerra franco-prussiana, impulsionou com a sua dedicada iniciativa, a festa realisada no Palacio de Crystal, em favor dos feridos d'essa campanha, e mais tarde, tratando se da organisaçao da junta central de soccorros aos innundados, em 1877, prestou na qualidade de vice-presidente, assignalados serviços, contribuindo ao mesmo tempo com a quantia de 200$000 réis, para a subscripção que para esse fim se promoveu. Foi tambem um dos instaladores dos albergues nocturnos no Porto e associou-se emfim, a todas as obras humanitarias para que foi solicitada a sua cooperação valiosa.

A Associação dos Bombeiros Voluntarios, de cuja presidencia se encarregou por voto unanime de todos os membros d'aquella nobre instituição, deveu-lhe auxilios e beneficios de consideração.

Foi tambem presidente da Associação Commercial no bienio de 1875 a 1877; vice-presidente da Camara Municipal, de 1876 a 1877, assumindo por vezes a presidencia nas occasiões em que esteve ausente o sr. Francisco Pinto Bessa; presidente da Sociedade do Palacio de Crystal e presidente das assembléas geraes de varios estabelecimentos de crédito.

Em emprezas industriaes e mercantis, o conde da Silva Montetro, associou o seu nome e os seus capitaes á Companhia do Caminho de Ferro da Povoa, á de Tanoaria a Vapor, á da Fabrica de Papel de Ruães e a muitas outras, comprommettendo no exito infeliz de algumas d'ellas e especialmente da primeira, sommas avultadissimas.

Amante sincero dos progressos da sua terra, propugnou persistentemente pela construcção do porto de Leixões e pela do caminho de ferro de Salamanca á fronteira portugueza, sendo um dos membros do syndicato organisado para aquella ultima empreza e ultimamente escolhido para membro do conselho administrativo da companhia que se estabeleceu para a realisação d'esse melhoramento importantissimo.

Tanto civismo e tanta dedicação não podiam passar desapercebidos aos poderes publicos e em premio justo e condigno dos inclitos merecimentos de tão benemerito cidadão, foi agraciado em 23 de junho de 1875 com o titulo de visconde da Silva Monteiro e elevado a conde do mesmo titulo em 1882. Era além d'isso, fidalgo cavalleiro da casa real e commendador da ordem da Conceição.

O finado era um amador apaixonado de horticultura, tendo obtido varias recompensas em algumas exposições realisadas no Palacio de Crystal. A grande estufa da sua formosa quinta da Lavandeira, em Villa Nova de Gaya, onde se acham reunidas opulentas collecções de plantas preciosas, passa por ser uma das primeiras do paiz. Essa estufa, toda de ferro e crystal foi construida nas officinas de fundição de Massarellos e prima pela sua elegancia.

O seu palacete da rua da Restauração, mobilido com a assumptuosidade que permittiam os meios de fortuna do seu proprietario, possue uma sala ornamentada com mobilia, estofos e porcelanas chinezas, de grande preço e de delicadissimo gosto. Fala-se n'ella como de uma maravilha.

Na intimidade dos seus sentimentos altamente caritativos, o conde da Silva Monteiro aliviava muita penuria e soccorria muita pobreza, sendo a sua morte uma verdadeira fatalidade para diversas familias necessitadas. que tinham n'elle o mais desvelado protector.

Todos estes actos praticava-os o illustre titular sem o menor vislumbre de vaidade e sem a mais leve ostentação, tomando como unico galardão d'esses impulsos expontaneos de beneficencia, a secreta alegria que todo o coração compassivo sente pela pratica do bem.

O conde da Silva Monteiro, se bem que um tando doente nos ultimos dias que antecederam o seu desapparecimento d'este mundo, quasi que morreu inesperadamente, victima de uma hepatite complicada, na tarde do dia 15 d'este mez.

Sinceramente respeitado e venerado acompanharam-o, no resvalar para o tumulo, de envolta com as demonstrações do mais profundo pezar, as saudades e as lagrimas de quantos apreciaram as virtudes e nobreza da sua bella alma. e obtiveram a estima e a protecção das suas qualidades fidalgas.

O seu enterro foi uma manifestação imponente da consideração e affecto que lhe tributavam todas as classes sociaes, cobrindo-lhe o feretro umas vinte e tantas coroas de corporações, amigos e parentes.

Os monarchas portuguezes foram dos primeiros a enviar á desolada familia do nobre morto, a expressão da sua condolencia, e isto mostra o logar distinctissimo que elle occupava na estima da familia reinante.

O conde da Silva Monteiro, póde dizer-se que transpoz os humbraes da morada derradeira, sem uma inimisade e sem um rancor.

Paz á sua alma abençoada!

Porto, 22 de janeiro de 1885.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

EDUARDO TAVARES

O jornalismo portuguez acaba de perder um dos seus membros mais activos, que ha cerca de trinta annos militava nas suas fileiras.

Eduardo Tavares principiou a manifestar-se depois da paz de 1851, déssa paz sustentada a todo o transe até hoje, á custa de transigencias de toda a especie, contentando a todos e corrompendo tudo, onde já nada suppura nem doe, porque demais está suppurado para que o bisturi arranque sequer um gemido.

Esta corrupção, alcunhada de indifferença, tem minado pouco a pouco por entre a nossa sociedade, mas tempo houve em que as primeiras flechas da verrina ou da critica lançadas com pontaria certeira, aos erros e ás fraquezas déssa sociedade, a faziam estremecer e doer-se, em vez de simplesmente a fazerem rir, como hoje.

Então tinha o jornal satyrico uma certa força e influencia no espirito publico, e as victimas da critica temiam-no e evitavam dar-lhe margem á verrina, procurando annular-lhe os seus effeitos.

Foi entre 1858 e 1862, que alguns jornaes satyricos tiveram voga mais distincta, e está claro que não nos referimos a um enchame d'elles que vieram depois e que deixaram triste memoria de si.

Por 1860, apparecia *O Cabrion*, folha satyrica, escripta com finura e grasa, em que Nogueira da

Silva collaborou com algumas caricaturas, então muito consideradas como as melhores d'aquelles tempos. Essa folha satyrica era dirigida e escripta por Eduardo Tavares, e pouco tempo viveu, mas foi por assim dizer, a primeira manifestação do futuro jornalista, que depois havia de affirmar a sua actividade e valor, em tantos outros jornaes que fundou, redigiu e em que collaborou, dos quaes citaremos o *Almadense*, *Portuguez*, *Campeão do Vouga*, *Echo Popular*, *Amigo do Povo*, *Echo das Provincias*, *Echo Litterario*, *Economias*, *Politica Liberal*, *Commercio de Lisboa*, *Jornal de Lisboa*, *Espectro da Granja* e *Instituições*.

A bagagem litteraria de Eduardo Tavares, não era grande porque não vinha de nenhuma academia ou universidade, mas o seu espirito era bastante claro, e dotado da intelligencia necessaria, para alcançar a posição importante que occupou no funccionalismo official e na imprensa.

Filho de Almada, onde nasceu aos 16 de novembro de 1831, teve sempre uma particular predilecção pela terra da sua naturalidade, e em mais de uma legislatura, veiu ao parlamento representar aquelle circulo, promovendo todos os beneficios que poude a favor dos seus eleitores.

Principiou por tentar fortuna no Brazil, e de lá regressou sem ella, o que não o desanimou e ao contrario mais o estimulou a procurar uma posição condigna, lançando-se na carreira da imprensa politica, como já referimos.

Principiou a sua vida de funccionario publico, por amanuense, e chegou a delegado do thesouro e director das contribuições directas, além de deputado pelo circulo de Almada, durante as legislaturas de 1868 a 1878.

Tudo isto representa para Eduardo Tavares, uma grande lucta, em que os desgostos caminharam a par dos triumphos, para chegar onde chegou, pelo seu esforço, sabendo-se impôr, pondo em evidencia o seu valor, sem se annular no meio das luctas partidarias, antes revivendo com mais força e energia.

D'isto deu sobejas provas quando, julgando-se desconsiderado pelo governo progressista, lançou a publico em 1879 o seu jornal *O Espectro da Granja*. N'esse jornal fez Eduardo Tavares a guerra mais decidida ao governo, pondo em campo todas as suas remeniscencias da moderna historia politica, que elle conhecia muito bem, e de que se servia muitas vezes com felicidade. Durante cerca de um anno, entreteve a curiosidade publica, que procurava com certo interesse o violento jornal, que em cada dia mais acirrava os animos contra o governo. Este por fim caiu, e se não se póde dizer que foi o *Espectro da Granja* que o derrubou, é fóra de duvida, que elle muito lhe minou a existencia.

Este facto é talvez o mais importante da vida publica de Eduardo Tavares, o que lhe deu mais celebridade, e de que elle, por ventura, mais se vangloriaria. Póde-se dizer que foi a sua ultima obra. Depois d'isto creou ainda o jornal *As Instituições*, porque a sua febre de jornalista não lhe permittia o ausentar-se da imprensa que era o seu elemento, e Eduardo Tavares, ferido por uma doença fatal que de ha muito lhe tortorava a vida, morreu no seu posto, vencido pela morte que tão cedo o colheu, mas não enfraquecido pelas luctas da imprensa e da politica.

O seu fallecimento teve logar em 8 de janeiro findo, e o seu corpo foi sepultado no cemiterio de Almada, onde o acompanhou grande numero de amigos.

Descance em paz.

EXPOSIÇÃO COLONIAL EM ANGOLA

Indigenas e europeus trabalharam n'esta obra civilisadora. Fraternalmente contribuiram todos, desde as primeiras auctoridades da provincia até aos obscuros artifices, para levar a cabo a mais brilhante tarefa d'entre todas que a actividade e a civilisação moderna podem produzir — uma exposição.

Abriu-se este certamen artistico no dia 31 d'outubro, anniversario de S. Magestade El-rei o sr. D. Luiz, com todas as cerimonias que o acto requeria, tornando-se dentro em pouco as salas da escola profissional, apromptadas e dispostas para o effeito, o ponto de reunião aprazivel dos habitantes de Loanda. Bello protesto na verdade contra os malevolos que nos deprimem lá fóra affirmando a decadencia dos nossos dominios em Africa. Aquellas vitrines repletas de productos locaes, falam muito mais alto do que todas as conferencias de Brazza e de todos os artigos de Stanley.

As vitrines foram executadas por um carpinteiro das obras publicas, constando a exposição ao todo de mais de dois mil exemplares.

A um lado estão agrupados os generos de permutação empregados no commercio, como fazendas, quinquilherias, quadros, espelhos, armas, aguardente, polvora, caixas de musica, jarras, barretes, fardas, pulseiras, malungas.

Esta collecção que enchia de espanto os indigenas, póde servir de poderoso auxiliar para o estudo do trabalho, na provincia.

Em outras vitrines estão: os restos dos productos pertencentes á extincta sociedade propagadora dos conhecimentos geographicos africanos, instituida n'aquella cidade em 1880; amostras do trabalho de cantaria indigena n'umas armas d'El-rei D. Manuel, encontradas no convento de S. José; dentes de cavallo marinho, facas, cachimbos e curiosos modelos de fechaduras de madeira, que representam bastante engenho e notavel applicação da primitiva arte nos indigenas; um tropheu formado pelos melhores exemplares de canna saccharina da fazenda de Bom Jesus, no concelho de Palembo, productos agricolas do concelho de Muchima; café do Quanza, trabalhos de ceramica do Libollo, borracha, café, feijão, saes mineraes de Massangano, pratos, e productos da industria gentilica de Quiosema, amostras de cal de pedra de Cambambe, um collossal dente de marfim do Dondo, productos de todas as fazendas de Casengo e Golongo Alto, tecidos da banza do soba de Cabongo, amostras d'excellente aguardente e café de Casengo, collecções preciosas de collares, pulseiras, dos antigos indigenas, uma collecção de livros portuguezes que mais teem tratado d'Angola, os 1.os numeros de todos os jornaes publicados na provincia, bellos exemplares de latoaria das officinas de Loanda, sal das salinas de Cacuaco, productos do valle de Dande, d'Encoge, Isolo, Bengo, Ambriz, etc., etc., etc.

O espaço não nos permitte ser mais minuciosos na descripção d'essa notabilissima exposição, mas esta rapida noticia, feita a correr para acompanhar a gravura que hoje damos e que representa a sala da exposição, basta para demonstrar eloquentemente que não são uma phantasia os progressos rapidos das nossas colonias, e que está alli uma grande fonte de riqueza, que é necessario e urgente explorar e conservar.

ANGRA PEQUENA, NA COSTA OCCIDENTAL DE AFRICA, ULTIMAMENTE ANNEXADA AO IMPERIO ALLEMÃO.

A Allemanha de ha muito que nutria fortes desejos de ser potencia colonial, e para principiar, Bismark relanceou a sua vista, já um pouco enfraquecida pelos annos, para as vastas regiões africanas, e lá foi desencantar na costa occidental, batida das ondas do Atlantico, e ao norte de Gariep, ou rio Orange, limite da colonia do Cabo. A Angra Pequena, que fica situada entre aquelle cabo e Walvisch Bay, pequena colonia estabelecida por Mr. Luderitz, negociante de Bermen.

Bismark consultou o governo inglez sobre a annexação que pretendia fazer, e este, depois de alguma demora, declarou que a Angra Pequena não fazia parte da colonia do Cabo, e de que a região ao norte do rio Orange não pertencia á Inglaterra.

Entretanto a Allemanha apoderou-se de toda a extensão da costa, desde a foz do rio Connene, que demarca ao sul os dominios de Portugal, até ao limite da colonia do Cabo, n'um comprimento de 7,000 milhas. Esta costa é quasi inaccessivel porque é formada por uma cordilheira de montanhas que formam um muro gigante ás aguas do Atlanttco. Apesar d'isso, uma cruz de pedra, collocada na proeminencia de um monte, indica a passagem dos portuguezes por aquelle ponto, sendo certo, que foi Bartholomeu Dias que mandou collocar aquella cruz quando alli passou á descoberta do Cabo.

O melhor ponto d'esta costa é Walvisch Bay, colonisado desde 1878, e que abrange um raio de 100 milhas, approximadamente; mas sendo o melhor, a pequena colonia é falta de agua, o clima é mau, offerecendo poucas condições de prosperidade, e sendo extremamente difficeis as communicações com o interior.

A 20 milhas ao sul de Walvisch Bay, encontra-se o porto de Sandwich, outra pequena colonia, um pouco mais favorecida de agua, mas em que as communicações com o interior são tambem muito difficeis; existem, entretanto, alli alguns estabelecimentos de negociantes do Cabo.

Entre o porto de Sandwich e o rio Orange, ha diversos pontos de desembarque, mas de pequena importancia, á excepção de Angra Pequena, que é um pantano protegido por uma ilha. O continente é esteril, além de tudo quanto se possa imaginar, e quasi destituido de agua. O interior d'esta horrivel costa, póde-se dividir em tres partes: o deserto de Kalahari, que se estende desde o territorio inglez até ao occidente de Griqualand; a região habitada pelos Hottentots, Namaqua, e a parte occupada pelos Damaras.

Vê-se que Angra Pequena é pouco conveniente para estação de europeus, a não serem degredados, sendo apenas habitada por caçadores errantes. Ha alli umas pequenas ilhotas que são depositos de guano, e de que o governo inglez lançou mão em 1867, trazendo-as arrendadas a um negociante do Cabo.

Para estreia não nos parece auspiciosa, entretanto esta possessãosinha sempre serviu á Allemanha de pretexto para entrar na famigerada conferencia de Berlim, como potencia colonial na Africa, apesar de lá não ter ainda colonisado cousa nenhuma. E' o caso de se dizer: «Deus escreve direito por linhas tortas.»

Mas como «honra e proveito não cabem em um sacco», o gentio da costa de Camarões, outra possessão ultimamente annexada ao imperio germanico, está insurgindo-se fortemente contra os novos colonisadores, que parece não usarem dos meios mais brandos para o converter á civilisação, e lá teem que fazer uso das suas peças Krupp e dos seus couraçados, para subjugar pela força o que não pódem alcançar pelas missões e pelo prestigio sobre os seus novos dominios.

O QUARTO SALÃO

Na quarta exposição de quadros, que nos mostrou com a sua energia tenaz, — persistindo de anno em anno, e creando consoladoramente a dupla força da vida em lucta, emprehendedora, e da tradicção que sustenta e empurra, — o bando d'artistas caracteristicamente embandeirolado com a taboleta alegre e fulva e rompante de *Grupo do Leão*, era a larga tela de Silva Porto intitulada a *Salmeja* — a obra mestra.

Um simples episodio de faina rural, em pleno ar, ao brutal sol de julho; no primeiro plano d'um raso campo suburbano, desnudado da ceara madura que acaba de ser ceifada, um grosseiro carro de bois espera que dois bons homens, tristemente vestidos de ganga azul surrenta, o carreguem de feixes de trigo; — e o que logo prende os olhos, pela justa valentia com que está pintada, é a junta parada e ruminante, os gordos animaes cornudos que pousam solidamente, á vontade, bem assentes nas suas patas, com o pello avermelhado ou esfuminhado de negro todo reluzente, e as altas cabeças gaiteiramente enfitadas. Em redor as cousas são sabiamente subordinadas a este motivo principal e dominante; debaixo dos bois o chão pisado, corrido d'estreitos regos, eriçado d'um rastolho curto, e pingado de raras e serodias papoulas sanguineas, é tratado com a cuidadosa demora, que convém; depois, observada felizmente a roda do carro lamacenta, apontados n'um desenho rapido os corpos dos dois trabalhadores, o resto espalha-se largamente n'uma meia confusão luminosa, — a ondulação longinqua do terreno, com manchas esverdeadas e esquissos d'arvores magras, sobre o horisonte o embaciamento vaporoso da profunda atmosphera, que dá uma sensação de calor tempestuoso, e o ceu azul passeiado d'algumas nuvens, e até uns grossos molhos que estão á frente do quadro, — tão pouco detalhados que parecem de palha milha. Isto é d'uma arte perfeita; e o apparente desprezo dos objectos accessorios, alastrados n'uma serenidade de côres certas, faz valer precisamente a vigorosa execução do vulto saliente dos bois e do carro, dando uma harmonia soberba, real e não procurada, — apenas admiravelmente vista e comprehendida, — ao vasto quadro cheio de vida, soalheiro, como perfumante dos fenos quentemente rescendentes, e sem duvida cantado de cigarras.

A *Salmeja* é seguramente uma das telas capitaes, na obra de Silva Porto; mas tem uma pequena filha amavel, por alcunha a *Singelada*, — a mesma junta que passa, sob uma oliveira esgalgada, atraz do tropeçudo boieiro d'andar lento. Livres do pesado carro, jungidos á canga passivamente, os bois possantes de nedia corpulencia deixam-se agora observar mais desafogadamente, pondo em realce a firmeza com que escrupulosamente o artista, de novo, lhes apanha e fixa o difficil feitio e a côr, surprehendendo-os no seu grave movimento vagaroso; — e no conjuncto captivante do quadrinho só destôa um pouco o desenho defeituoso da cabeça do homem.

Uma cousa que demonstra bem, impõe mesmo, o fino, sincero, espontaneo, e robusto temperamento d'este pintor, e revela ao mesmo tempo o

seu processo senhor de si, consciente e victorioso, é a maneira por que elle sabe marcar, nas suas paisagens, o caracter particular de cada região — explorada. Ninguem, por menos familiarisado com a sua rica pintura, póde honestamente confundir os quadros, cujos assumptos sejam pedidos a quaesquer cantos frescos e verdejantes do Minho, com outros tomados nas seccas planicies e nos monticulos impittorescos da Extremadura, — onde, em vez de terna, transparente, copiosa, e magnificente, banhada d'uma luz risonha, a verdura é escassa e dura, afogada em luzeiros cegantes pelos dias estivaes; — e este singular exito manifesto do subtil pincel, representando uma verdadeira compenetração da natureza, consubstancia tambem o poder d'execução de Silva Porto, que mantem sempre o seu enraizado cunho individual. Por mim, — exilado do norte, — recuso expeditamente a minha sympathia ás varias telas, em que vieram figurar, n'esta exposição, as vulgares cercanias do Lumiar; e gabo-lhes sómente a sua bella factura, que as faz interessantes, e, especialisando, torna até a *Lagoa do Arieiro* encantadora.

Deliciosos, francamente, são os quadros trazidos de Vizella, — a *Cascalheira,* com os vultos sombrios dos dois velhos casebres de moinhos, ao cabo d'uma correnteza de pôldras molhadas, onde esbarram e empoçam as aguas turvas, para no açude se precipitarem espumantemente encachoadas, emquanto que no ar boceja a manhã fria e nublada; e a *Queda d'agua,* onde o ribeiro rompendo por entre uma massa espessa de salgueiros, ao lado d'uns casinholos de taipa borrada de vermelhão, tomba e rebenta como um desabamento de neve, — effeito colhido com uma fiel felicidade surprehendente; e o *Rio Vizella,* que corre mansamente esverdinhado, ao fundo dos outeiros vestidos pelos bosques de amieiros e choupos, sob o ceu forrado de negrejantes nuvens encharcadas; e a *Ponte velha,* admiravel sobretudo pela finura com que estão tocadas as aguas variegadas d'esbatidos reflexos, que formam como que um original mosaico fluido; e aquelle *Caminho novo,* em que emfim apparece o bom sol, pondo um clarão alourado e jovial ao fundo da viella, por traz do casario obscuro do primeiro plano. Estes quadros foram, com effeito, pintados nas passageiras abertas de dias chuvosos, em vesperas d'outono; e teem um certo aspecto sorumbatico, melancholico, communicam uma vaga impressão de humidade, — tanto entrou na sua larga e ri-

EDUARDO TAVARES — FALLECIDO EM 8 DE JANEIRO DE 1885 (Segundo uma photographia)

EXPOSIÇÃO COLONIAL DA PROVINCIA DE ANGOLA, INAUGURADA EM 31 DE OUTUBRO DE 1884 (Segundo uma photographia de C. Fortes)

BELLAS-ARTES

Rosas, Vieira — *A Salmeja, Lumiar*, Silva Porto — *Um retrato*, Columbano —
A exposição, na sala da redacção do «Commercio de Portugal» — *A manhã, nas margens do Vizella*, Silva Porto — *A pesca das lulas*, J. Vaz

QUARTO SALÃO DE QUADROS

(Segundo photographias do sr. A. Benarus)

gorosa execução o sentimento da verdade amiga.

Silva Porto usa madrugar, o que é uma louvavel maneira de ganhar bem o seu dia, — jornaleiro contente e convicto da arte! E a sua bonita diligencia permitte-lhe que pincele delicadamente pequenas telas como *A manhã* (Vizella), um encanto, positivamente, um trechosinho de paisagem d'uma frescura idyllica, com serenas aguas perdidas entre verduras de choupos acariciados de brumas leves, e perfis elegantes d'arvores como rendadas de ramos soltos, recortando-se airosamente na ennevoada atmosphera, que se diria orvalhada pelo doce polvilhamento da luz nascente, hesitante, d'uma vaporosa côr de rosa e laranja. Que diabo! ou me engano a valer, ou isto chama-se pintura — virgiliana. E quando o artista, n'um assumpto menos attrahente, quer mostrar os constantes recursos portentosos do seu processo, escolhe um outro effeito matinal, como a *Azinhaga de Telheiros,* onde se vê reproduzido claramente o proprio ar baço, na sombra d'um muro, emquanto o sol atravessa por cima e vae já alegrar o vallado fronteiro.

Mas é impossivel apontar miudamente todas as obras expostas por Silva Porto, — que sob a sua apparencia doentia, ligeiramente corcovado, encobre a força d'um trabalhador, d'uma notavel actividade nas suas excursões; e não haveria pouco ainda que fazer, se o acompanhassemos, de perto, de Vizella ao baixo Douro, d'onde trouxe o *Sitio de Valbom,* quasi severo de linhas com os seus encadeados montes verdenegros, e *No Areinho,* um quadrinho arejado, encalmado, e garrido, — e de lá á Povoa de Varzim, terra predilecta onde costuma ir buscar pedaços de praias beijadas pela espumosa orla enrolada do mar, cabeças atijoladas de rijas moças, e viellas pittorescas do bairro dos pescadores.

Viva Pan! E deixem-me desabafar, deixem-me agora berrar, como um bohemio entre a multidão de sisudos e orelhudos sabios que legislam e orneiam ácerca do Bello, que, com as suas infinitas opulencias de fórma e de côr, unicamente coberta pelas nuvens e pelo azul, a Paisagem é hoje em dia o verdadeiro, o logico fim da arte. É o *nu,* que nos resta na grande natureza; e afinal, n'este nosso tempo, o vivo desabrochamento da pintura rustica explica-se tão bem como a florescencia heroica da estatuaria grega.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

UMA RECORDAÇÃO DA MOCIDADE

Não ha sentimento que mais nos afague a existencia, do que a recordação do que vimos, do que temos sentido, do que temos amado, de tudo, finalmente, que nos tem impressionado o espirito e deliciado o coração.

O ancião, vive principalmente do passado. Os prados, os regatos, as arvores, as louzas dos cemiterios, tudo lhe traz á memoria os entes queridos que perdeu, os amigos que para sempre se sumiram no pó dos tumulos, os livros que o encantaram, o navio em que atravessou as aguas, os seus companheiros da escola, o velho professor que o intimidava, os sinos da torre, que caíu em ruinas...

A saudade, este delicioso perfume da alma, que nunca nos abandona; este sentimento que suavemente assola o nosso espirito; esta magica palavra que só a lingua portugueza sabe definir; a saudade, digo, é a corrente que prende o passado ao presente e a adolescencia e a juventude á velhice.

Em excellentes versos exprimiu a celebre escriptora ingleza, Miss Edgeworth, a grata recordação do tempo passado no collegio de Eton, em que, soltas as tranças á mercê da brisa, e a alma aberta e impellida para as illusões da infancia, ella corria apoz as borboletas:

«Ah, happy hells! ah pleasing shades!
Ah, fields belov'd in vain!
Were once my careless childhood stray'd
A stranger yet to pain!»

*
* *

Em 1853, um moço official de cavallaria, que fazia parte da escola d'esta arma, estabelecida no edificio da Luz, actual residencia do collegio militar, frequentes vezes, com os seus camaradas, dirigia-se a Lisboa pela estrada de Bemfica. Era no outomno. Attentou certo dia n'uma senhora moça — formosissima creança, de pouco mais ou menos, 16 annos, sentada a uma janella, a rez do chão de um vasto jardim. Parecia embevecida na leitura. O titulo do livro, ou, mais naturalmente, a leitora d'elle, impelliram irresistivelmente o official a acercar-se da dama, que não ergueu os olhos, nem pareceu attentar n'elle.

Era, como algures disse George Sand, uma picada de alfinete no orgulho de um rapaz de 24 annos. Era mister, a todo o transe vencer, não a resistencia do obstaculo, — peior do que isto, a immobilidade passiva, da indifferença.

D'esse dia em diante, ao pôr do sol, quem passasse junto ao jardim de D. Rodrigo de Menezes, veria um cavalleiro abeirar-se da janella do extremo opposto ao palacio. Sempre alli permanecia a joven leitora, absorvida na leitura. Baldadas eram as tentativas do moço official: não conseguia lograr um sorriso, um simples olhar animador. Todavia, quem attentamente observasse a donzella, vel-a-ia subir a escada que conduzia a um caramanchão, cuja cobertura era formada pela densa ramaria de um vigoroso cedro, a poucos passos da janella, e d'alli contemplar, inebriada de jubilo, o homem que já, sem o imaginar, ia tomando posse do seu virginal coração.

Quando o cavalleiro se approximava, encontrava-a, como na vespera, no logar costumado.

Não era malicia nem artificio o proceder da donzella, que nas tenras edades são ainda, na maior parte, ignorados os artificios mundanos. Era o enleio; era o pudor; era o sentimento naturalmente casto da mulher, ao transpor os humbraes do mundo social.

Ao terceiro ou quarto dia, o moço official — que no proseguimento d'esta tão singela como verdadeira narrativa, designaremos com a inicial S..., não veio a cavallo, segundo o costume.

Como que tomado de receio, dirigiu-se a passos muito vagarosos para a janella. Contemplou por alguns instantes a creança gentil, cuja belleza para logo o fascinára. Crusaram-se os olhares. Inexprimiveis são sempre as sensações que se experimentam n'estes momentos.

Baixando os olhos para o livro, S... leu o titulo. Era um volume de poesias de Victor Hugo, então muito festejadas: *Les voix intérieurs.*

— Se a minha voz interior, como a do grande poeta, podesse expressar a v. ex.ª o que me vae na alma, seria eu, de certo, o mais ditoso dos homens.

Emma, enleiada, com a voz abafada, fez um forte esforço para balbuciar:

— Deverei acreditar... receio que não seja sincero... Seria a maior das crueldades... E-me tão agradavel a sua presença!...

— Se lhe é agradavel a minha presença, sómente de v. ex.ª depende a realisação d'essa vontade e, demais, vae n'isso a suprema ventura da minha existencia.

— Não disponho de mim, como pensa. Diga-me, poderei eu confiar na sinceridade das suas ultimas palavras?

— A maneira sincera de as exprimir, deve dissipar toda a sombra de duvida.

— E é certo que me ama?

— Desde o primeiro momento em que tive a felicidade de vêr v. ex.ª, fiquei rendido aos seus magicos encantos...

— Ahi vou, meu tio!

— E' meu tio que me chama. Não me illuda, seja sincero. Quando tornarei a vel-o? Aqui o espero ás 7 da manhã. Não falte; preciso dizer-lhe tantas cousas!...

— Vou de caminho! Continua a chamar-me. Saberei ámanhã o seu nome. Pense em mim e pense muito, sim? Creia que já não me sae da memoria um só instante.

— Emma! repetiu de novo uma voz sonora e forte, que denunciava impaciencia.

— Adeus, adeus!...

A donzella, por entre as grades, estendeu ao moço official a mais pequenina e formosa mão, que este cobriu de beijos, e, ligeira como uma gazella, correu ao encontro do homem que impaciente a esperava. S... voltou para o quartel da Luz.

O excesso da ventura, como o da desgraça, excitando o systema nervoso, produz quasi sempre fortes insomnias. Foi o que lhe succedeu. Não lhe sahia do pensamento a imagem d'aquella angelica creatura. Que meiguice na expressão e nas palavras! Que candura e innocencia se revelava no formosissimo semblante d'aquella encantadora creança!...

Nos livros illustrados com gravuras, procurou S... a figura de alguma mulher que se parecesse com Emma. Impossivel. Eram de notavel inferioridade. Folheou os livros sem os lêr; pensava sómente n'ella. Não poude conciliar o somno.

Aos primeiros alvores do dia já o moço enamorado seguia a cavallo a estrada de Carnide. A brisa suave e perfumada da manhã, refrescando-lhe o rosto, ia dilatar-lhe os pulmões, com o oxigenio aspirado a fortes haustos. Voltou para traz, e, atravessando pela Azinhaga da Fonte, foi entrar na estrada de Bemfica, seguindo em direcção a Lisboa.

A hora aprasada, com grande espanto seu, não viu Emma na costumada janella. Voltou, depois de percorrer certa distancia. Ainda alli não estava. Consultou o relojio; eram quasi sete e meia! Com o coração opprimidissimo, voltou ainda uma vez e quando se approximou do jardim de D. Rodrigo de Menezes, uma mulher, que o fitava com a maxima attenção, dirigiu-se ao cavalleiro:

— A que hora esperava v. s.ª falar á menina Emma?

Ficou silencioso.

— Póde dizer, meu senhor; sou de confiança.

— Ás sete horas.

— Exacto. Eis um bilhete para v. s.ª.

Abri. Dizia:

«Mal podia eu imaginar que quando me procurasse já estaria longe do escolhido do meu coração. Meu tio, observando o nosso breve colloquio e crendo talvez que não seria o primeiro, deliberou repentinamente sair de Lisboa, com o fim, diz elle, de fazer uma digressão pelo Minho e ir passar os ultimos dias de outomno na sua quinta do Douro. Sou forçada a acompanhal-o! Que desespero me vae na alma!

«Voltaremos, segundo creio, dentro de um mez. Não tenho tempo para mais. Rogo-lhe por tudo o que lhe fôr mais sagrado no mundo, que não se esqueça da desventurada

Emma.»

*
* *

S... não tornou a vêr, nem teve mais noticias d'esta encantadora creança.

Foi um meteoro vivo que atravessou o ceu do seu espirito, deixando n'elle quasi invisivel, um rasto de frouxissima luz.

Como nos fagueiros sonhos em que a nossa alma parece divagar pelas elevadas regiões da phantasia, a figura aerea e vaporosa de Emma, foi-se pouco a pouco dissipando nas brumas longinquas do passado.

No coração do moço official de cavallaria apenas ficou gravada uma terna e indelevel recordação!...

*
* *

Ha quasi um anno, demorando-me alguns dias em Lisboa, fui convidado pelo meu velho amigo L... para uma *soirée* de familia. Festejava-se o anniversario de sua estimavel esposa e reunia as pessoas aparentadas e algumas mais intimas. Houve musica e dansa, em que a gente moça e, principalmente as tres interessantissimas filhas dos donos da casa, tomaram activa parte. As pessoas idosas, como é costume, juntavam-se em grupos, e em alegre palestra, viam deslisar as horas com immensa rapidez.

Todos os olhares se dirigiam principalmente para uma senhora ainda joven, alta, esbelta e de fórmas delicadissimas. Era formosa, embora as faces emmagrecidas e um ligeiro sulco aos cantos da bocca, revelassem estragos produzidos pelo soffrimento do corpo ou do espirito.

Impressionou-me vivamente esta donzella. Pareceu-me mesmo tel-a já visto. Era, de certo, illusão.

Com a dona da casa conversava uma senhora, trajada de escuro, que denotava ter 50 annos. Tinha porte distincto e adoravel affabilidade. Divisava-se-lhe logo á primeira vista uma vaga tristeza no semblante e os indicios de velhice, sem duvida prematuros, que accusava, não conseguiam todavia apagar-lhe os vestigios evidentes da sua antiga formosura. Attraído, não sei por que força mysteriosa, fui sentar-me ao pé d'esta senhora e depois de algumas palavras banaes — talvez para desopprimir por alguns minutos o coração — narrou-me varios successos da sua amargurada existencia.

Orphã de pae e mãe, casára por influencia de seu tio e tutor com um fidalgo do Douro, a quem dedicára mais estima do que amor. Houvera do seu matrimonio um filho e uma filha. Aquelle morrera desastrosamente afogado, e sua filha, a menina que tão fortemente me impressionára, era minada por uma febre lenta e persistente.

Seu marido nunca logrou abandonar os habitos de fidalgo ostentoso. Em viagens, caçadas e banquetes, consumiu tres partes dos seus haveres, que eram consideraveis.

Commoveu-me sobremaneira esta curta e tocante narração.

— Mamã, permitte-me que danse esta walsa?

— Não, filha, não t'o consente o medico.

— Creia que não me faz mal.

— Ernestina, poupa-me esse martyrio.

A meiga creatura que encetou o dialogo, mostrou-se resignada. Osculou e abraçou sua mãe que, convidando-a a assentar-se, aproveitou o ensejo de apresentar-me sua filha.

E' esta a minha unica filha, o conforto da minha pobre existencia.

— Quando o coração verte sangue, lhe disse eu, permitte muitas vezes Deus que um dos seus anjos venha n'elle entornar o balsamo vivificador.

— E se Elle chama para junto de si esse anjo?

— Curvamo-nos aos seus divinos preceitos.

— Tantos receios, tantos presagios, tantas lagrimas, minha adorada mãe! Que tem este cavalheiro com as nossas angustias?...

A musica annunciou uma contradança e logo o filho mais novo do dono da casa veio offerecer o braço á gentil donzella.

A afflicta mãe seguiu-a com a vista por alguns instantes; limpou a furto, duas lagrimas, e esforçando-se por sorrir, dssse-me:

— Pobre creança! Como as borboletas, procura queimar as azas na luz que deslumbra e attrae. Os ares de Lisboa, segundo se diz, são prejudiciaes ás enfermidades do peito. Coitadinha soffre tanto! Ha mezes que vivemos no campo, na minha quinta, na estrada de Bemfica, que pertenceu a D. Rodrigo de Menezes.

— A D. Rodrigo de Menezes?!

Um raio de luz atravessou rapidamente o meu espirito. As feições d'aquella menina, agora o retrato vivo de sua mãe, quando era moça, avivou-me uma grata recordação do passado. Esta infeliz senhora, era sem duvida a gentil leitora das poesias de Victor Hugo.

O sangue pareceu affluir-me todo ao coração. Procurei dissimular a emoção que, mal a meu grado, esteve a ponto de trair-me.

— Conheço bem esse sitio. Ha bastantes annos que eu percorri muitas vezes o caminho de Bemfica.

— Residia lá?

— Não, minha senhora. Ia ao edificio da Luz visitar uns officiaes meus amigos, que então faziam parte do deposito geral de cavallaria, alli estabelecido.

— Ao deposito da Luz?!...

Na pobre senhora foi visivel um estremecimento nervoso, que se lhe traiu na voz. O rubor assomou-lhe ao rosto, que logo foi substituido por extrema palidez.

— Conheci n'esse tempo, apenas de vista, um moço official.

— Era o meu mais intimo amigo.

— Sabe...

— Fui testemunha da profundissima impressão que a gentileza de uma donzella lhe produziu.

— Recorda-se v. ex.ª em que sitio a viu elle?

— Na janella do jardim de D. Rodrigo de Menezes.

— Teve elle conhecimento do desapparecimento d'essa senhora?

— Teve, e nunca mais houve noticias d'ella.

— Porque não lhe escreveu o seu amigo? Não teria confiança no amor que ella lhe consagrava?

— Ignorava ainda o nome d'aquella menina e a direcção a dar á missiva que lhe enviasse.

— Corresponderia o seu amigo ao amor da donzella que, segundo v. ex.ª diz, o havia impressionado?

— Asseguro a v. ex.ª que uma profunda melancholia lhe tirou o somno em noites seguidas e por muito tempo evitava a convivencia com os seus camaradas, para ir vaguear solitariamente nos campos.

— Vive ainda o seu amigo?

— Vive.

A este tempo estava a sala quasi deserta. Os donos da casa, com a maxima amabilidade, apresentaram a D. Emma a filha estremecida que, ao piano e com numerosos applausos, cantára uma suavissima aria do *Roberto*, essa inspirada obra do immortal Mayerbeer.

Retirou-se o resto da companhia.

Acompanhei até á porta estas desditosas senhoras. Ao entrar para o *coupé* que as conduzia, despediu-se de mim a encantadora Ernestina. As mãos escaldavam!

— Confio em que v. ex.ª me fará a fineza... de transmittir ao seu amigo, official do deposito da Luz, este aperto de mão, — me disse Emma.

— Certifico-lhe, minha senhora, que o receberá extremamente penhorado.

— Tem a convicção de que succederá assim?

— Tenho. E' elle proprio que o recebe...

. . . .

Não tornei a encontrar estas senhoras.

Soube mais tarde, pelos jornaes, que a mallograda filha de D. Emma, havia succumbido aos golpes de uma terrivel doença de peito.

M. Alves de Sousa.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 219)

Thereza:

O não ter respondido ha mais tempo ás tuas cartas, não o lances á minha incuria, nem ao meu esquecimento... O motivo nem o sei, nem procuro investigal-o.

Depois da ultima carta que te escrevi, não se tem passado um só dia, em que me não sinta doente. De quê? Nem eu sei dizer-t'o; porque não sei se a medicina chama doença a esta deseguáldade de humor por que passa o meu espirito, no mesmo dia, ás vezes com o intervallo apenas de alguns minutos. O que era ha um instante motivo para uma grande expansão d'alegria, torna-se, sem eu ter a consciencia do que se passa em mim mesma, a causa d'uma enorme tristeza ou d'um profundo tedio! Evito a companhia d'aquelles que me são mais queridos, e fecho-me horas no meu quarto, onde passo a ler e a chorar. Calcula como deve andar inquieto e sobresaltado meu pobre pae; mas eu não sei como heide tranquillisal-o, Thereza; porque nem eu mesma posso dizer o que tenho! Tem-me succedido estar ás vezes a conversarmos juntos, muito felizes e alegres ambos; e eu, de repente, tenho quasi de fugir, para ir chorar sósinha. Não sei se é um sentimento de pejo, se de vaidade, mas até de meu proprio pae occulto as minhas lagrimas!

A tia Dorothea não cessa de me perguntar se estou doente, porque estou aborrecida e triste, e quer á força que eu lhe explique esta mudança do meu espirito!... Ás vezes, confesso, todo aquelle carinho que sempre me captivou e ao qual eu ha bem pouco respondia com beijos de gratidão, chega agora a irritar-me, e sei que correspondo com azedume e enfastiada aos cuidados da pobre tia. Tenho luctado immenso para que não venha medico a casa. Eu já sei como elle hade attribuir tudo isto a uma exaltação de nervos! Como se eu não tivesse a firme convicçao de que este estado nervoso é apenas um symptoma de uma causa que desconheço!...

Ouço passos no corredor. Deve ser a tia Dorothea, que vem distrahir-me. Suspendo esta carta, e logo que ella saia, continuarei...

Acabo de passar os olhos pelas primeiras folhas d'esta carta. Como eu estava triste ha meia hora, e como agora me sinto feliz! Não posso dizer-te se foi a boa tia Dorothea que operou o milagre. Sinto-me outra, mais alegre, com as ideias mais claras, como se ellas estivessem vestidas de luto, e agora se vestissem de gala! Quero já desfazer o tom lugubre d'esta carta, contando-te coisas ligeiras e risonhas. Para começar, dir-te-hei que amanhã quer o papá dar um jantar a dois ou tres dos maiores influentes politicos cá da terra. São o que se chama em politica tres *trunfos*.

Além d'estes figurões, tenciona o papá convidar o visconde de S. Mauricio e a filha, que chegaram ha tres ou quatro dias de Vichy. Virá tambem o Bernardo de Sousa, que anda agora muito preoccupado com as obras que traz n'uma quinta, que tem d'aqui algumas leguas.

Ainda te não disse que sempre fomos á tal romaria? O papá e a tia Dorothea foram n'uma victoria, e eu fui a cavallo ao lado do Bernardo. Não te digo nada! Só queria que tu visses com que garbo eu trotava pela estrada fóra! O meu vestido ficou muito bom. Quando vires a Aline, dá-lhe da minha parte os parabens.

Não posso estender hoje muito a minha epistola. Quero repartir pelo meu pobre papá este momento em que se dissiparam as minhas estupidas e incomprehensiveis tristezas. Quando te escrever para outra vez, hei-de dizer-te muita coisa; mas... *chut!*

É verdade: disse-me o Bernardo de Sousa que o addido de Hespanha quer casar com a Francisca Tavares! Eu não sou demasiadamente curiosa; pouco me importo em geral com a vida dos outros; mas essa côrte da Tavares deve ter sido assumpto para uma defeza de theses, como fazem os lentes de Coimbra.

Adeus, minha joia.

Muitos beijos saudosos da tua

Helena.

(Continúa) *Alberto Braga.*

RESENHA NOTICIOSA

Albergues Nocturnos de Lisboa. No dia 25 de janeiro findo, reuniu no paço da Ajuda, a assembléa geral d'este instituto de caridade, sob a presidencia de S. M. el-rei D. Luiz, e pelo sr. Dr. Luiz Jardim foi lido o relatorio do conselho administrativo do anno de 1884. Este relatorio é um documento valioso pela sciencia com que é feito, porque ao mesmo tempo que relata minuciosamente a vida da moderna instituição dos Albergues Nocturnos, em Lisboa, e o grande desenvolvimento que tem tomado sob a tutella do monarcha e dos cavalheiros que com elle tem cooperado n'esta obra de caridade, constitue tambem um estudo sociologico importante, para quantos andam interessados em combater a miseria e as causas que a determinam. O relatorio do sr. Dr. Luiz Jardim não é simplesmente uma resenha de factos, é um estudo critico d'esses factos e uma obra litteria de grande valia. Na impossibilidade d'aqui transcrevermos esse relatorio, limitar-nos-hemos a apontar alguns dos seus principaes dados estatisticos de muito interesse, principiando por citarmos a parte que se refere ao capital da associação que no fim do anno de 1883 era de 48:444$790 e em 31 de dezembro de 1884, 59:820$785, havendo portanto um augmento de 11:375$995. Este lisongeiro augmento foi devido, além de uma importante subscripção que veio de Pernambuco, na importancia de 2:826$090, ao resultado do beneficio promovido por el-rei no theatro de S. Carlos, o qual produziu para o cofre dos Albergues a elevada somma de 7:135$415. A receita de 1884 proveniente de juros do capital e da subscripção dos socios foi de 3:748$445, tendo sido em 1883, 3:243$905, o que dá uma differença para mais em 1884 de 504$510. Por um bem elaborado mappa apresentado á illustre assembléa pelo sr. Dr. Luiz Jardim, conhece-se o auxilio que o Albergue prestou durante o anno de 1884 a 2:369 individuos que alli foram recolhidos e beneficiados. D'esses individuos eram: homens portuguezes 1:318 e estrangeiros 314; mulheres portuguezas 352 e estrangeiras 26; menores portuguezes 320, estrangeiros 39. A differença que houve a mais no anno de 1884 em relação ao de 1883, foi de 522 iudividuos. Dános ainda o relatorio, entre outros dados estatisticos, um tristemente eloquente o qual é o numero dos analphabetos. Esse numero elevou-se a 1:480, isto é, mais de metade dos que alli foram implorar a caridade não sabiam lêr! Este numero divide-se do seguinte modo: homens portuguezes 805, estrangeiros 151; mulheres portuguezas 244, estrangeiras 17; menores portuguezes 235, estrangeiros 28. Este ponto que prova exhurberantemente quanto a falta de instrucção é um dos principaes males da sociedade, suggeriu ao illustre relator considerações muito conceituosas, affirmando cada vez mais o interesse e empenho do sr. Dr. Luiz Jardim pela causa da instrucção publica de que tem sido sempre um dos mais proveitosos apostolos. Algumas particularidades curiosas nos aponta o relatorio quando nos revela as circumstancias mysteriosas d'alguns individuos que o Albergue tem recolhido. Assim conta-nos, por exemplo, de uma estrangeira, ainda joven, mas fortemente macerada pelo soffrimento, falando perfeitamente o francez, sem comtudo se poder averiguar ao certo a sua origem, porque o estado das suas faculdades mentaes não lhe permittiam o dar informações certas. Esta estrangeira veio remettida pela auctoridade de Cascaes, para o Albergue, onde esteve um mez, depois foi para o Hospicio de S. Luiz dos francezes e por ultimo para Rilhafoles. Não consta que até hoje ninguem procurasse por ella. Uma noite foi pedir guarida ao Albergue uma senhora bem vestida em companhia de duas creanças; esteve lá só aquella noite que passou a chorar, de manhã saiu e não se soube quem era nem o que dera motivo a alli se recolher. Estes e outros factos denotam grandes infelicidades encobertas, mysteriosos dramas intimos de que nem sempre a sociedade tem conhecimento. Depois da leitura do relatorio que foi louvado pela assembléa, apresentou o sr. Visconde de Falcarreira o parecer da commissão de contas, que foi unanimente approvado, passando-se em seguida á eleição do conselho administrativo e commissão revisora de contas. Ficaram eleitos vogaes effectivos do conselho administrativo os srs.: Mendes Monteiro, Dr. Luiz Jardim, José Pereira Soares, Visconde de Rio Vez, José da Costa Pedreira, Henrique Burnay e Frederico Augusto Ferreira. Para vogaes supplentes os srs.: Conde da Praia de Monforte, Luiz Manuel da Costa, Manuel José Monteiro, José Nunes Teixeira, Antonio de Moura Borges, Eduardo Ferreira Pinto Basto e Francisco Silveira Vianna. A commissão revisora de contas ficou composta dos srs.: Visconde de Falcarreira, Antonio José de Seixas e Manuel Joaquim Alves Diniz. El-rei, usando da faculdade que lhe concede o artigo 7.º dos estatutos, indicou para vice-presidente Sua Alteza o Principe Real,

para secretarios os srs.: Visconde de Ribeiro da Silva e Carlos Santos, e para vice-secretarios os srs. Pereira de Miranda e Polycarpo Anjos. O interesse com que Sua Magestade se poz á testa da instituição dos Albergues Nocturnos e o desvello com que os seus membros tem procurado engrandecel-o, são dignos do reconhecimento publico, em nome dos infelizes que alli tem encontrado agasalho e conforto, estendendo o Albergue a sua acção benefica além da sua missão, pois a muitos d'esses infelizes tem dado collocação, pondo-os ao abrigo da indigencia.

Os DYNAMITISTAS. E uma nova seita destruidora semelhante aos nihilistas, que agora apparece em Londres, pondo em alarme a capital da Grã-Bretanha. Já em um dos ultimos numeros do OCCIDENTE nos referimos ao attentado contra a rainha Victoria, e ainda anterioı aquelle facto se tinham dado outros de menor importancia, mas que denunciavam a existencia de quaesquer elementos perturbadores da ordem. No dia 24 de janeiro ultimo, uma formidavel explosão, no palacio de Westminster occupado pelo parlamento inglez, declarou positivameute a existencia da associação dos dynaministas que parece se propõem a fazer ir pelos ares os edificios importantes d'aquella capital. Ao mesmo tempo que se manifestava a explosão no palacio de Westminster, outra ainda mais terrivel reduzia a um montão de ruinas os tres andares da celebre Torre de Londres, seguindo-se o incendio que poude ser dominado. D'este historico edificio só ficaram de pé as paredes exteriores que resistiram á dynamite. Parece que esta associação de dynamitistas tem a sua séde nos Estados Unidos, porque a imprensa ingleza, verberando severamente estes attentados, chama a attenção do governo americano para estes factos, pedindo-lhe para que empregue todos os esforços afim de evitar que na America se concertem novas conspirações contra a Inglaterra. O gabinete de Washington communicou ao de S. James todo o seu pesar pelos ultimos acontecimentos e declarou que empregaria todas as diligencias para descobrir os criminosos.

EXPEDIÇÃO AO MUATA-YANVO. Segundo communicações recebidas pela Sociedade de Geographia Commercial do Porto, do sr. major Henrique de Carvalho, chefe da expedição, tem esta obtido os melhores resultados, proseguindo a sua missão com toda a regularidade. A data das ultimas noticias tinha já atravessado o Coango e estabelecido tres estações commerciaes com boas communicações entre si. O gentio mostrava-se satisfeito e nas melhores relações com o branco.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

MELHORAMENTOS DE LISBOA E SEU PORTO, por Miguel Carlos Correia Paes. Lisboa, typographia Universal. Vol. I, de 436 pag., com o retrato do auctor e uma carta topographica da cidade de Lisboa. E' vasta a materia incluida n'este volume, que primeiro foi publicada em folhetins no *Diario de Noticias* em 1880 e 1881, e que o sr. Paes reuniu em livro, sendo este o primeiro, ao qual se seguirão mais dois. O assumpto d'este livro é dos mais importantes, hoje, que se trata de melhorar a capital do reino, tanto com respeito ás edificações, aberturas de novas ruas, formação de bairros e condições sanitarias, como aos melhoramentos do porto de Lisboa e sua extensa margem no Tejo, que, diga-se a verdade, está quasi no periodo primitivo, completamente desprovida das mais modestas exigencias de um porto maritimo e commercial. As obras do porto de Lisboa são, a nosso vêr, as mais imperiosamente necessarias para o desenvolvimento commercial, porque d'ahi dependem todas as outras, que fatalmente se farão á medida que a riqueza da cidade augmente, pelo movimento e importancia commercial a que tem direito, dada a sua magnifica e especial situação geographica. Isto diz-se ha muitos annos, e não obstante as obras do porto de Lisboa, as mais positivas e praticas que se deviam ter de ha muito feito, teem até hoje sido preteridas com uma indifferença verdadeiramente condemnavel, como se apenas se tratasse de um embellezamento mais ou menos dispensavel, e não de uma obra necessaria, cujo addiamento representa annualmente para Lisboa a perda de algumas centenas de contos, como nem mesmo é facil de calcular a latitude d'esse prejuizo. O livro do sr. Paes offerece largos estudos sobre o assumpto, feitos com a competencia que lhe dá a sua qualidade de engenheiro experimentado, e com quanto não estejamos de completo accordo em algumas das obras alli indicadas, por se nos affigurarem pouco praticas em relação aos meios que seriam necessarios para as realisar, é certo que o livro do sr. Paes tem muito e muito a aproveitar, que representa um estudo aturado das necessidades de Lisboa e do meio de as satisfazer, estudo feito com verdadeira dedicação e bons desejos de utilisar, e que grande parte dos melhoramentos que o digno e esclarecido engenheiro apresenta no seu plano, serão, n'um periodo mais ou menos remoto, realisados, como já tem tido a satisfação de vêr alguns reduzidos á pratica, com grande vantagem para a capital.

ANGRA PEQUENA, NA COSTA OCCIDENTAL DE AFRICA, ULTIMAMENTE ANNEXADA AO IMPERIO ALLEMÃO

A SENSAÇÃO VISUAL, *estudo de psycho-physiologia*, por Agostinho de Sousa, lente de economia industrial e socio correspondente do Instituto de Coimbra, etc. Porto, typographia Occidental, 1885. Falta-nos a competencia especial para avaliarmos este livro, que constitue a dissertação inaugural do seu auctor na Escola Medico-Cirurgica do Porto; entretanto, na sua leitura encontrámos uma exposição clara, por vezes elegante na fórma, denunciando no auctor qualidades litterarias muito distinctas. A dissertação do sr. Agostinho de Sousa deve-o honrar sobremodo, porque revela muito estudo e criterio scientifico.

NOÇÕES POPULARES DE LITTERATURA PORTUGUEZA, etc., por Antonio Peixoto do Amaral, etc. Clavel & C.ª, editores, Porto, 1884 Este livro é um grande auxiliar para quem desejar escrever com correcção. Principiando pelas noções de grammatica pratica, apresenta depois noções geraes de estylo e conclue pela redacção. Parece-nos muito util este livro, e tanto mais quanto é certo que muitos individuos, apesar de saberem lêr, mal entendem o que lêem e muito peior sabem exprimir o que querem. Com o auxilio d'este livro e com boa vontade, póde-se conseguir alguma coisa.

HOMENAGEM POSTHUMA AO CONSELHEIRO PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUSA, etc. Bahia, typographia dos Dois Mundos, 1884. No dia 1 de outubro do anno findo celebrou-se no paço municipal da cidade da Bahia, uma sessão funebre em homenagem ao conselheiro Pedro Luiz, que foi presidente da provincia da Bahia e que falleceu o anno passado, produzindo a sua morte as maiores manifestações de pesar em todo o imperio, confirmando os levantados meritos de Pedro Luiz, tanto como poeta e escriptor notavel, como magistrado e politico exemplar. O OCCIDENTE deu por essa occasião noticia do fallecimento e já em o n.º 178 tinha publicado o retrato com algumas notas biographicas. Aquella sessão funebre assistiram as principaes auctoridades e tudo quanto de mais distincto na sociedade bahiense. A reunião foi numerosa, e presidida pelo sr. dr. Augusto Guimarães, servindo de secretarios os srs. dr. Joaquim Ignacio Tosta e Amancio de Andrade; n'ella tomaram a palavra, fazendo o panegyrico do finado, o sr. dr. Manuel Victorino, e recitando poesias os srs. barão de Villa Viçosa, Castro Rebello Junior, Constancio Alves Junior, João de Brito, Cesar Moniz, conselheiro Luiz Alvares e Torquato Bahia. Uma orchestra tocou varias peças funebres. Esta noticia, que extractamos, antecede o livro que insere o panegyrico e as poesias recitadas, as quaes muito honram o talento dos seus auctores e demonstram quanto o conselheiro Pedro Luiz era apreciado pelos seus conterraneos.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.